

OBJECTOS PARA A SAÚDE FÍSICA E MENTAL DO ANTIGO EGÍPTO

TELO FERREIRA CANHÃO*

A grande quantidade de objectos ligados aos cuidados de beleza encontrados nos túmulos dos antigos Egípcios é prova da atenção que dedicavam ao bem-estar corporal e à saúde. Por outro lado, os papiros médicos que nos chegaram provam que fizeram um estudo aprofundado, para aquela época, do corpo humano e das suas maleitas, além de proporem tratamentos. Contudo, nesse tempo, os males tinham um carácter sobrenatural e eram combatidos com ajuda da magia e da religião, através de fórmulas mágicas que o médico deveria proferir enquanto preparava as poções. À partida, o mágico podia prescrever drogas e o médico podia recorrer à magia. Mesmo assim, graças ao resultado da prática da medicina, o conhecimento empírico de então permitiu registar nos papiros médicos informações sobre maneiras de diagnosticar e remédios a prescrever para determinadas enfermidades, facilitando a vida a quem os consultava. Neles eram descritos os sintomas de várias doenças e os processos indicados para os combater. A componente racional da medicina egípcia foi sendo desenvolvida mais por uns do que por outros, à medida que a experiência foi demonstrando a eficácia de certos remédios, mas sem nunca largar a magia e a religião nem ter atingido qualquer patamar científico. Embora fosse conhecimento (lat.: *scientia*), nunca foi um corpo organizado de conhecimento obtido através de pesquisas assentes no método científico.

* Centro de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Este artigo segue o Acordo Ortográfico de 1945.

Assim, o médico era todo aquele que se dedicava a curar os males do corpo, podendo ser visto como um mágico ou como um sacerdote de Sekhmet, deusa que tanto podia lançar as doenças como curá-las. Preparava as poções que receitava aos pacientes, sendo, simultaneamente, o farmacêutico que elaborava os remédios. Pelo *Papiro Ebers* ficamos a saber que existiam três espécies de médicos: os *sunu* (*swnw*), médicos que praticavam a medicina segundo os papiros e tinham um conhecimento empírico da sua actividade que, segundo o *Papiro Edwin Smith*, examinavam os doentes fazendo-lhes um diagnóstico seguido de um prognóstico segundo uma de três enumerações: «é uma doença que eu vou tratar», «é uma doença com a qual eu vou lutar» ou «é uma doença que não sei tratar»¹; os *uabu nu sekhmet* (*w^cbw nw shmt*) os sacerdotes puros de Sekhmet, que invocando a deusa exerciam um tipo de medicina de carácter religioso que hoje chamaríamos mais de âmbito psicológico, ou mesmo «psiquiátrico» em certos casos; e os *sau* (*s3w*), os mágicos ou curandeiros, que utilizavam processos mágicos para curar os doentes. E todos eles, para além dos produtos e das práticas, usaram uma série de objectos no decurso da sua actividade, muitos deles hoje dispersos pelo mundo nos mais variados museus.

Por isso, quando entro num museu como o Museu da Farmácia, tento imaginar para que serviam e como eram usadas as peças que agora se perfilam estáticas diante de nós. Elas já tiveram a sua própria vida útil, tendo sido manuseadas e mostrando que a sua criação se deveu à necessidade de dar resposta a uma determinada funcionalidade. Almofarizes e pilões, frascos para *kohl*, «colheres» para cosméticos e estelas mágicas, serviam para manter o equilíbrio físico e mental dos antigos Egípcios, para quem medicina, farmácia, religião e magia começaram por andar de mãos dadas, não só procurando curar mas também prevenir contra a doença, isto é, empenhando-se tanto em soluções curativas como profiláticas, mas sempre assentes no conhecimento empírico e na crença. Por isso os antigos Egípcios tinham o maior cuidado com a sua própria apresentação, tratando criteriosamente do bem-estar e do embelezamento do corpo, procurando o maior equilíbrio possível entre saúde física e saúde mental. Obviamente, para quem conhece a sociedade egípcia, quem o fazia eram sobretudo as elites. A esmagadora maioria da população não tinha nem posses nem tempo para se preocupar com essas coisas, embora sempre que podia também recorresse a elas. A profilaxia mágica de alguns objectos, como amuletos ou estelas, era apreciada por todos, variando apenas na escolha dos materiais, mais ou menos ricos, mas mantendo, em geral, a forma e a cor apropriadas.

Com os *almofarizes e pilões*, sucessores das paletas das culturas neolíticas pré-dinásticas — de que o Museu de Farmácia também tem dois excelentes exemplares da cultura de Nagada II, c. 3500-3000 a. C. (n.º inv. 7880 e 9470) —, os antigos Egípcios

¹ NUNN, 1996: 30.

obtinham os pigmentos transformando em pó determinadas rochas, sobretudo a partir do Império Médio. O Museu da Farmácia tem um excelente exemplar da XII dinastia (c. 1980-1765 a. C.). De xisto e forma rectangular (Comp.: 11 cm; larg.: 6,8 cm), tem na parte superior uma área central rebaixada onde se produziam os pigmentos, aí retidos pelo rebordo envolvente que evitava que caíssem do almofariz. O pilão de anfíbolito é campaniforme (Alt.: 3,5 cm; Ø base: 2,8), de base plana e com a parte superior bem arredondada para melhor se aconchegar à concha da mão do utilizador (n.º inv. 6928-6930).

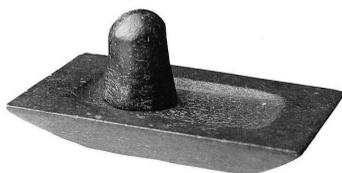


Fig. 1. Almofariz de basalto e pilão de anfíbolito. N.º INV. 6928-6930
Comp.: 11 cm; larg.: 6,8 cm. Alt.: 3,5 cm; Ø base: 2,8 cm

Usavam a malaquite, um óxido de cobre, com que produziam tinta verde para os olhos, a que chamavam *uadju* (*w3dju*), a verde, sendo por isso considerada um símbolo de fertilidade. Usavam também o sulfeto de chumbo, a galena, que dava origem a uma tinta negra, um pó mineral muito fino que misturado com água, óleo ou gordura animal, era utilizado para maquilhar ou tratar os olhos, e muito liquefeito era usado como colírio para prevenir e aliviar infecções provocadas pela refração da luz do deserto. O nome que os antigos Egípcios lhe deram foi *mesdemet* (*msdmt*), e foi usado até ao período copta, substituindo em grande parte a malaquite, que só deixou de ser utilizada na XIX dinastia. Tinha igualmente uma simbologia de fertilidade, uma vez que a terra fértil do Egipto era a *kemet* (*kmt*), «A Terra Negra», que era também o nome do país. Com traços grossos sublinhavam os contornos dos olhos, prolongando-os do canto dos olhos às têmporas. Porque no Egipto moderno os árabes chamam *kohl* à tinta negra para pintar os olhos, um pó muito fino semelhante apenas no aspecto mas de origem completamente diferente da *mesdemet*, os Egiptólogos compararam a *mesdemet* ao *kohl* e o nome acabou por pegar como pintura para os olhos.

Contudo, o *kohl* actual não provoca contaminações bacterianas e fúngicas ou qualquer tipo de envenenamento, como era o caso do chumbo e seus derivados, sendo hipoalergénico, anti-séptico e bactericida, evitando mais eficazmente as infecções oculares como as conjuntivites ou as irritações nas pálpebras e nos sacos lacrimais, e protegendo melhor da luz solar, do vento ou do fumo. O mais importante dos minérios de chumbo foi abandonado para fins cosméticos e o *kohl* hoje é um composto de antimónio, uma matéria-prima inexistente no Egipto, um mineral que embora seja

associado ao enxofre, chumbo, cobre e prata, faz depender a sua toxicidade do seu estado químico, sendo o antimónio metálico relativamente inerte. Os Romanos utilizavam-no e chamavam-lhe *stibium*, termo que também adoptaram para a pintura dos olhos e de onde derivou o símbolo químico do antimónio: Sb. Nós, modernamente, preferimos como raiz a palavra árabe *kuhul*, que significa «leve», «impalpável», o nome árabe do antimónio. Aliás, é a mesma raiz arábica da palavra álcool, antecedida do artigo definido invariável, *al-kuhul* («o leve», «o impalpável»), designação do pó negro de antimónio, produzido pela sua destilação. O antimónio, na forma do seu sulfureto natural, era já conhecido e usado como cosmético e fármaco tanto na Antiguidade mesopotâmica como na chinesa, cerca de 3000 a. C., mas não no Egipto. A pensar ainda na sua aparência, os Egípcios produziram também um cosmético vermelho com óxido de ferro, com que pintavam os lábios. Aplicaram-nos primeiro com os dedos, tanto nos olhos como nos lábios, depois usaram pequenas espátulas ou bastonetes de madeira, osso, marfim, pedra ou metal como aplicadores, alguns podendo servir também para dosear e misturar os pigmentos, acabando por se servir de um pequeno pincel a partir do Império Médio.

O Museu da Farmácia expõe também um grande, pesado e alto almofariz de granito (Alt.: 29,2 cm; Ø boca: 30,5 cm), de forma tronco-cónica invertida, com as paredes externas ligeiramente côncavas (n.º inv. 8881). Não tem pilão. As suas características dizem-nos que provavelmente deveria servir para macerar vegetais, fazer infusões ou juntar substâncias diversas, sólidas e líquidas, fosse para a produção de medicamentos ou de perfumes. Tem duas saliências junto à boca onde era fácil passar um cabo para suspensão e uma pequena inscrição que, embora com alguma dúvida devido ao seu estado erodido, a tradução de Luís Manuel de Araújo atribui a propriedade ao «administrador do templo, Amen-hotep, filho de Udjahor, justificado»².



Fig. 2. Almofariz. N.º INV. 8881. Alt.: 29,2 cm; larg: 30,5 cm

A propósito de medicamentos, refira-se que as receitas que se encontram nos papiros médicos podiam ter componentes minerais, entre os quais o natrão (*hesmen*, *hsmn*) ou o sal (*hemat*, *hm3[y]t*), mas também o alabastro (*cheset*, *šst*), o gesso (*besen*,

² BASSO & ARAÚJO, 2008: 102-103.

bsn) ou o lápis-lazuli (*hesebed, ḥsbd*), um composto de carbonato de sódio, bicarbonato de sódio, sal e sulfato de sódio no primeiro caso, um cloreto de sódio, um carbonato de cálcio, um sulfato de cálcio hidratado e um composto de silicato de sódio e sulfato de sódio, nos seguintes. Usavam também componentes de origem animal como o mel (*bit, bit*), o leite (*irtjet, irtt*) de vaca, burra ou humano, o sangue (*senefu, snfw*) de boi, burro, porco, cão, bode, lagarto ou morcego, mas também a bília (*weded* ou *benef, wdd* ou *bnf*) de bode, porco ou vaca, a placenta (*mut-remetj, mwt rmt*) de gata, a urina humana (*muit, mwyt*), ou os excrementos (*hes, ḥs*) de gato, burro, pássaros, lagartos, crocodilo, mosca e humanos. Se com respeito à urina sabemos que ela tem propriedades anti-sépticas e cicatrizantes quando utilizada externamente, em relação aos excrementos não se lhes reconhece nenhuma propriedade curativa e nem todos eram para uso externo: os excrementos dos pássaros-*idu* e de mosca, por exemplo, eram aplicados em medicamentos para ingestão³. O contributo do reino vegetal era também muito grande. Confirmadíssimas para uso médio no período faraónico temos a alfarroba, *Ceratonia silica* (*nedjem, ndm*), o aneto, *Anethum graveolens* (*imset, imst*), o papiro, *Cyperus papyrus* (*mehit, mhyt*) e a persea, *Mimusops laurifolis* (*chauab, š3w3b*), e, entre muitas outras plantas e árvores, destacamos ainda a acácia, *Acacia nilotica* (*chendjet, šndt*), a cevada, *Hordeum vulgare* (*it, it*), o coentro, *Coriandrum sativum* (*chau, š3w*), o figo comum, *Ficus carica* (*deb, db*), o figo de sicómoro, *Ficus sycomorus* (*nehet, nht*), a romã, *Punica granatum* (*inhemen, inhmn[y]*) ou a uva, *Vitis vinifera* (*unechi, wnšy*). Assinale-se ainda o uso de narcóticos e sedativos como o ópio, *Papaver somniferum* (*chepenem, špnn*), a cannabis, *Cannabis sativa* (*chemchemet, šmšmt*), a mandrágora, *Mandragora officinarum* (*reremet, rrrmt*) e os três tipos de lótus (*sechen, sšn*), os nativos do Egípto, o azul (*Nymphaea caerulea*) e o branco (*Nymphaea lotus*), e o rosa (*Nelumbo nucifera*), importado na Época Baixa durante a ocupação persa⁴.

Sobre o uso destes componentes ou de outros similares, alguns de base farmacológica muito discutível e outros a que é totalmente impossível discernir qualquer base farmacológica, permito-me destacar a utilização do salgueiro, um dos nomes comuns das plantas do género *Salix*, da família *Salicaceae*, um género com perto de 400 espécies. No Egípto crescia a *Salix subserrata* selvagem (*teret, trt*), da qual os antigos Egípcios usaram as folhas misturadas com outros ingredientes em remédios

³ «O vasto uso de sangue e excrementos na farmacopeia egípcia, parece tão estranho como qualquer dos ingredientes utilizados na magia. Pelo menos dezanove tipos de excrementos são mencionados nos papiros médico-mágicos [...] A urina tem propriedades anti-sépticas. Algumas cataplasmas egípcias de esterco podem ter sido benéficas por razões que ainda estão por explorar. O uso de excrementos na medicina foi muitas vezes motivado pelo princípio do tratamento de igual para igual. Muitas doenças foram atribuídos a falhas no processo digestivo. A digestão dos alimentos foi comparada à putrefacção de um cadáver. Se os resíduos de comida podre permaneciam no corpo, pensava-se que era para subirem e causar problemas. Medicamentos ou fumigações contendo fezes foram pensadas para incentivar estes resíduos a descerem até o recto. Aparentemente os tratamentos bizarros podem ser o resultado final de um cuidadoso processo de pensamento. Eles são bastante racionais no contexto da visão de mundo egípcio» (PINCH, 2006: 134).

⁴ NUNN, 1996: 146-158.

para estimular o apetite e os frutos integraram unguentos para aplicar em inchaços e inflamações, «sem que haja qualquer indicação de que tenham descoberto o verdadeiro valor do salgueiro na medicina»⁵. Hoje, da casca do tronco de algumas das suas espécies produz-se a aspirina; do seu nome latino deriva o nome do ácido acetilsalicílico, que começou por ser um forte anti-séptico utilizado no tratamento do reumatismo e de diferentes quadros clínicos que envolviam dor, e hoje é utilizado como anti-inflamatório, antipirético, analgésico e antiplaquetário.

Para acondicionamento do *kohl* usavam-se recipientes próprios, chamados simplesmente de *frascos para kohl* que, embora para aplicações diferentes⁶, podemos considerar os antepassados directos dos tubos de rímel com bastão de aplicação ou dos aplicadores de brilho labial (*lip gloss*), como os célebres tubos de vidro em forma de um tronco de palmeira, com aplicador, a maioria de cor azul com decoração amarela e branca, que se encontram em diversos museus, como um que se encontra no Museu Britânico, com 8,7 cm de altura (EA64335). O Museu da Farmácia tem dois exemplares desta família. Um é um pequeno vaso duplo para cosméticos, de madeira, com um signo *uadj* (*w3d*) gravado ao centro, que representa um caule de papiro e significa «estar verde», simbolizando «regeneração» ou «renascimento» (Alt.: 6 cm; larg.: 1,5 cm). A perfuração lateral serviria para sustentação de um aplicador (n.º inv. 9388), como se vê noutros casos, e a saliência superior para o encaixe de uma tampa. Outro é um vaso para cosméticos de alabastro com cinco tubos (Alt.: 14,9 cm; larg. 3,8 cm), um central com outros quatro concêntricos (n.º inv. 14159). De formas arredondadas, tem uma base quadrangular com cornija que sugere que podia ser encaixado numa base própria separada.



Fig. 3. Duplo vaso de cosméticos de madeira
N.º INV. 9388. Alt.: 6 cm; larg.: 1,5 cm



Fig. 4. Vaso de alabastro com cinco tubos
concêntricos para cosméticos. N.º INV. 14159.
Alt.: 14,9 cm; larg.: 3,8 cm

No entanto, os recipientes para *kohl* também podiam ser boiões ou apresentar outras formas, o que leva a crer que o Museu da Farmácia tem mais recipientes que poderão

⁵ MANNICHE, 1999: 145.

⁶ Com respeito ao produto e sua aplicação, a comparação do frasco de *kohl* deverá ser feita com o lápis para os olhos, uma vez que o rímel é usado para engrossar os cílios das pálpebras e o brilho labial nos lábios.

ter sido usados para esta finalidade. Para além dos boiões, um deles com aplicador, há dois de decoração símia e um antropomórfico que correspondem à descrição típica de recipiente para *kohl*: «vaso de boca estreita, uma borda invertida larga e plana, corpo grosso e fundo plano, que podia ou não ter pequenos pés»⁷. O último é um vaso de quartzito representando uma mulher ajoelhada que segura sobre as pernas dois recipientes de boca estreita (Alt.: 19,1 cm; larg.: 8 cm), onde apenas caberiam finos aplicadores (n.º inv. 8880). Os outros dois, numa temática muito comum e presente em diversos museus: um é de anidrite (Alt.: 5,4 cm; larg.: 5 cm) e representa um macaco abraçado a um vaso e preso a ele pela corda que tem ao pescoço, hoje partida mas que permitiria a suspensão do recipiente (n.º inv. 8011); o outro é de turquesa esmaltada (Alt.: 6,4 cm; larg.: 2,5 cm) e mostra a cabeça e o tronco de um macaco projectados para diante, constituindo o corpo, entre a cabeça e a cauda, o recipiente que apresenta em cima uma boca estreita de borda larga e plana (n.º inv. 8824). Pascal Vernus na obra *Bestiaire des Pharaons*, tem um artigo sobre o macaco onde fala das várias espécies que tiveram lugar de destaque na civilização faraónica, nomeadamente na vida quotidiana como animais de companhia e de trabalho. Duas delas, o babuíno e o macaco-vervet têm esta referência: «Depois da proto-história, numerosos vasos de perfume, potes de *kohl* e de maquilhagem surgem com a forma de um babuíno ou de um macaco-vervet, frequentemente numa posição de abraçar, ou uma mãe abraçando o seu filhote que se agarra ao seu pelo e se aconchega a ela aparentando uma necessidade patética de calor e carinho, ou um macho ganancioso que abraça o seu pequeno... saco de nozes de palmeira-dum. [...] De uma maneira geral, o macaco dá uma larga contribuição ao reportório decorativo animal aos instrumentos de toilette, às colheres, aos espelhos, etc., mas também a brinquedos e até a lâminas de machados cerimoniais, onde dois babuínos de costas com costas giram para entrar numa flor de lótus»⁸.



Fig. 5. Macaco com vaso de anidrite. N.º INV. 8011. Alt.: 5,4 cm; larg.: 5 cm



Fig. 6. Recipiente animalista de turquesa esmaltada. N.º INV. 8824. Alt.: 6,4 cm; larg.: 2,5 cm



Fig. 7. Vaso figurativo de quartzito. N.º INV. 8880. Alt.: 19,1 cm; larg.: 8 cm

⁷ SANTOS, 2016: 24.

⁸ VERNUS & YOYOTTE, 2005: 620.

Nos toucadores das damas egípcias existiam também as chamadas «colheres» para cosméticos. Como amantes da beleza que eram, os Egípcios usavam com frequência a palavra *nefer* (*nfr*) que, de uma forma geral, tanto pode significar «bela» como «bom», atribuindo muitas vezes às suas filhas nomes que tinham por base esta palavra (Neferet: «A bela»; Nefertari: «A mais bela»; Nefertiti: «A mais bela chegou»; Neferu: «A beleza», «A perfeição» ou «A bondade»; Neferukau: «A perfeição dos *kau*»). O clima quente do Egito levava as damas a refrescarem-se nas águas de paradisíacos espelhos d'água, tendo sido muitas destas banhistas modelos de inúmeras «colheres» de cosméticos, como a que existe no Museu da Farmácia em xisto (n.º inv. 10152), infelizmente quebrada (Comp.: 8,3 cm; larg.: 1,7 cm)⁹.



Fig. 8. «Colher» para cosméticos de xisto. N.º INV. 10152. Alt.: 5,6; larg.: 14 cm

Para além do motivo erótico dos cabos representando figuras femininas nuas nadando, outros utensílios deste tipo foram dedicados a motivos zoomórfico, florais, humorísticos ou de outras temáticas. Alguns, mais completos e luxuosos, tinham tampas para cobrir o que se guardava no seu interior. Em Portugal existem quatro exemplares. O Museu da Farmácia tem mais duas «colheres» de cosméticos, estas de temática zoomórfica. Uma, de calcário, tem a forma de uma gazela cujo corpo constitui a concavidade da «colher» e a cabeça o cabo, surgindo uma pequena cauda na extremidade oposta, e, em baixo, as quatro patas atadas (Comp.: 14 cm; larg.: 5,6 cm). Do lado oposto, conclui-se o desenho naturalista do antílope (n.º inv. 6932). A outra, de esteatite preta, representa dois patos geminados e estilizados (Comp.: 7 cm; larg.: 5,2 cm). Os seus corpos unem-se num só formando a concavidade onde se colocavam os cosméticos. É ligeiramente ovalada, com duas linhas ziguezagueantes que se cruzam no centro da «colher» como decoração e um rebordo a toda a volta em forma de corda. Sobre esta, em cima, assentam as cabeças dos patos no fim de longos pescoços, cada um arqueando-se para seu lado. Em baixo, de ambos os lados, duas saliências dão forma às patas. Na parte inferior, as penas retrizes juntam-se e abrem-se em leque. No reverso foram gravadas as penas e as patas, que surgem em relevo (n.º inv. 6931).

⁹ Por comparação com «colheres» semelhantes, quando completa deveria medir 5/6 cm mais, podendo ter tido um total de 13/14 cm de comprimento.



Fig. 9. «Colher» para cosméticos de calcário
N.º INV. 6932. Alt.: 5,6 cm; larg.: 14 cm



Fig. 10. «Colher» para cosméticos de esteatite preta. N.º INV. 6931. Alt.: 7 cm; larg.: 5,2 cm

A quarta, cuja temática e beleza nos obriga a referi-la aqui, é a «colher» para cosméticos do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian (MG, n.º inv. 165). Ela conta uma bem-humorada história. É de marfim e representa uma palmeira tamareira cujo cabo é o tronco e a colher a estilização da maior das três folhas que constituem a copa. Para ambos os lados crescem belos cachos de tâmaras. Encostado ao lado esquerdo do tronco, um velho de traços negróides, apoiado num pau, guarda tamanha fartura. Mas, talvez por causa do calor, o velho parece dormir, pois a sua vigilância torna-se indiferente aos macacos que sobre a sua cabeça se deliciam com as tâmaras dos cachos. De tal modo está entorpecido, que até um rapaz, igualmente de feições e cabelo que denunciam uma origem provavelmente núbia, nas suas costas, do outro lado do tronco, atreve-se a subir à árvore para também se poder deliciar com as suculentas e doces tâmaras. Os temas eróticos e jocosos eram uma constante na vida dos Egípcios que viviam com gosto, alegria e exaltação da beleza¹⁰.

Numa componente claramente mágica e religiosa, destacamos também o fragmento de uma estela mágica de Hórus criança, ou Horpakhred (*hr-p3-hrd*), o «Hórus menino/criança» (Alt.: 20,4 cm; larg.: 8,5 cm). A figura de um menino sobre crocodilos, com serpentes e escorpiões nas mãos, era considerada uma poderosa protecção contra o veneno das serpentes e dos escorpiões (n.º inv. 9380).



Fig. 11. Estela mágica de Hórus Criança (Horpakhred)
N.º INV. 9380. Alt.: 20,4 cm; Larg.: 8,5 cm

¹⁰ ARAÚJO, 2006: 78-79.

Uma das fórmulas da Estela Mágica de Metternich, do reinado de Nectanebo II (360-343 a. C.), o último faraó da XXX dinastia, que se encontra completa no Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque (THEMET 50.85), é bastante eloquente: «Sobe veneno, vem e cai por terra. Hórus fala-te, aniquila-te, esmaga-te, tu não te levantas, tu caís, tu és fraco e tu não és forte; tu és cego e tu não vês; a tua cabeça cai para baixo e não se levanta mais, pois eu sou Hórus, o Grande Mágico»¹¹. Sobre a figura de Hórus aparece uma cabeça de Bés, divindade protectora do lar, das grávidas, das mães que amamentam os filhos e das crianças, embora aqui possa ter ainda outra função, pois, apoiando-se nos textos alusivos a estas cenas, há quem considere Bés o velho deus Sol que rejuvenesce como criança solar. O Museu da Farmácia tem, ainda, uma pequena estatueta de Horpakhered, da qual só resta a parte superior à cintura (n.º inv. 8821), e outra em que Horpakhered aparece ao colo de sua mãe Ísis que o amamenta (n.º inv. 11660), sendo esta mais um apelo à mulher-modelo na sua múltipla função de filha, irmã, esposa, mãe, sacerdotisa, mágica, amante e rainha, senhora de poderes mágicos especiais, do que à divindade da criança.

Por fim, um tipo de peça que não encontramos no Museu da Farmácia, mas que seria importante encontrar. Sendo peças em destaque na maioria dos museus que as têm, seria sobretudo num Museu da Farmácia que ela encontraria o seu lugar privilegiado: *uma porta falsa de um médico*, intimamente associada ao espírito deste congresso: *Do combate da enfermidade à invenção da imortalidade*. O exemplo que trazemos é a porta falsa de Irenakhti, da X dinastia (c. 2130-2100 a. C.), no Primeiro Período Intermediário (c. 2180-2040 a. C.), encontrada em Guiza em 1928 pelo arqueólogo alemão Hermann Junker¹². Uma porta falsa representava a fachada de um palácio e era um elemento fundamental da arquitectura tumular egípcia, variando o seu tamanho. Normalmente era talhada num só bloco de pedra, mas também podia ser em madeira ou simplesmente pintada, conforme a época a que pertencesse. O seu período áureo foi entre a III e a VI dinastia. Não se destinava a funcionar como uma porta normal, sendo um elemento mágico através do qual o *ka* (*k3*) do falecido, «o elemento do ser humano que pode ser definido como a força vital e sexual do indivíduo, capaz de se manter actuante e dinâmica pela eternidade»¹³, simplisticamente traduzida por alguns por «alma» e, por outros, por «duplo», passava do mundo dos mortos para o mundo dos vivos e vice-versa. No centro ficava um nicho vazio, a porta propriamente dita, embora algumas tenham o relevo ou a pintura do proprietário do túmulo, no topo do qual era talhado um semicilindro que imitava o selo com que se fechavam as portas reais. À sua volta várias ombreiras e lintéis, em diferentes níveis e de dimensões variáveis, transmitiam a ilusão de profundidade. Em duas dessas

¹¹ NUNN, 1996: 108-109; SALES, 2001: 434.

¹² NUNN, 1996: 126-127.

¹³ ARAÚJO, 2001a: 469.

ombreiras mais largas, em posição simétrica, ou num largo lintel, podiam estar relevos do falecido diante de mesas de oferendas. Era colocada normalmente na parede oeste da capela funerária, já que, de uma maneira geral, o Ocidente era considerado o lado dos mortos, onde a família ou os sacerdotes funerários colocavam as oferendas para os defuntos. A sua ligação à eternidade é ainda mais clara por ela conservar gravados para memória futura, para além de algumas fórmulas de oferendas, o nome e os títulos do defunto, que engrandeciam as virtudes que tivera em vida e expressavam desejos positivos para a sua vida no Além.

A par dos objectos anteriormente referidos, sobretudo de carácter profilático, que reflectem os cuidados que os antigos Egípcios dedicavam à saúde e ao bem-estar corporal, as portas falsas referem-se especificamente à medicina que tratava das maleitas do corpo. Os homens que queriam ser recordados eternamente pela sua actividade em vida através de objectos funerários como este exemplo, faziam a sua formação básica — um misto de magia, religião e conhecimento real do corpo humano e dos seus males — nas *per-ankh* (*pr-ꜥnh*), as Casas de Vida, existentes nos templos onde se estudava medicina, mas que tinham objectivos mais amplos na formação geral dos escribas. A que formava os filhos dos privilegiados funcionava no palácio, designando-se *hut-ankh* (*ḥwt-ꜥnh*).

Com base em vestígios como os que referimos, sabemos que havia um grande rol de doenças, que levava até alguns médicos a especializarem-se nas mais frequentes. Para além de uma série de doenças e deformidades menos comuns, ou menos visíveis, observadas em múmias¹⁴ e em relevos e estelas¹⁵, as doenças dos olhos eram muito frequentes e, por isso, havia a especialidade de oftalmologia. Para as doenças ligadas sobretudo aos problemas da alimentação, havia os dentistas para os dentes, os gastroenterologistas para os problemas do estômago, e, para doenças dos intestinos e do ânus os proctologistas. Os médicos no Antigo Egipto podiam ainda exercer funções de cirurgião, intervindo a diversos níveis, sobretudo ortopédico, da simples reduções de lesões de articulações ao tratamento de fracturas¹⁶, ou mesmo à concepção de próteses, de que se conhecem desde dedos dos pés à «implantação» de dentes, mas sobre muitas

¹⁴ Caso da múmia do Museu Nacional de Arqueologia, de seu nome Horsukhet, que revelou em 2011, cerca de 2300 anos após a sua morte, numa tomografia feita pelo investigador Carlos Prates, médico radiologista coordenador da equipa clínica do projecto de investigação multidisciplinar «Lisbon Mummy Project», um cancro na próstata, o único caso conhecido a nível mundial numa múmia do Antigo Egipto, *Lisbon Mummy Project*, Março 2015: 51-53.

¹⁵ Como a célebre estela funerária de um porteiro da XVIII dinastia (c. 1550-1292 a. C.) chamado Roma, que se encontra na Gliptoteca Ny Carlsberg, em Copenhaga, aparentemente a representação mais antiga de uma poliomielite, ou a não menos célebre representação da deformada rainha do Punt no templo de Hatchepsut, em Deir el-Bahari, igualmente da XVIII dinastia, para quem já foram avançados diversos diagnósticos como a doença de Dercum (adipose dolorosa), esteatopigia (hipertrofia das nádegas), filariose (elefantíase, doença parasitária que afecta a circulação linfática), acondroplasia (nanismo devido à falta de desenvolvimento correcto na ossificação das cartilagens do feto) ou a distrofia muscular progressiva (degeneração da membrana celular das células musculares, causando cada vez mais maior fraqueza e, por fim, a morte). (Cf. NUNN, 1996: 77 e 83).

¹⁶ Cf. NUNN, 1996: 174-179.

delas desconhece-se se foram realizadas em vida por questões de necessidade do paciente, ou depois da morte¹⁷, para que o corpo do defunto se mantivesse completo para enfrentar a eternidade.

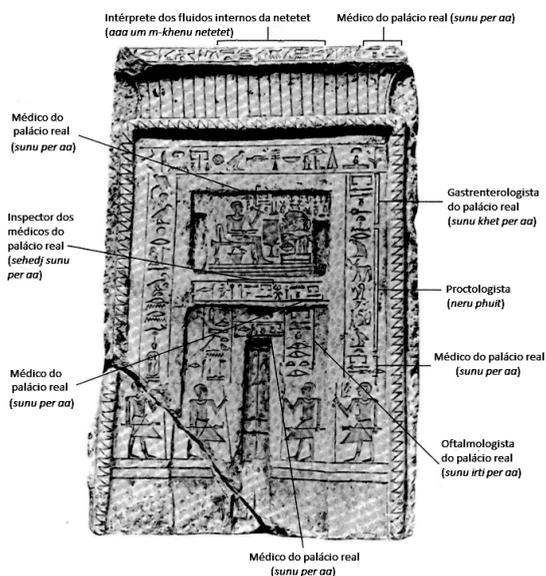


Fig. 12. Porta falsa de Irenakhti, Primeiro Período Intermediário
Fonte: NUNN, 1996: 127

Era um grupo profissional organizado hierarquicamente, ao qual não faltavam os directores, supervisores e inspectores. Aparentemente era também aberto às mulheres, pois conhece-se uma mulher da V dinastia chamada Pesechet, com o título de *imiret sunut* (*imy-rt swnwt*), ou seja, «superintendente das médicas»¹⁸. Embora a palavra «médicas» esteja no feminino e no plural, infelizmente este é o único caso conhecido. A realeza tinha os seus próprios *sunu*, alguns especializados em determinadas doenças ou áreas do corpo humano. Aqueles cuja condição social permitiu terem túmulo e memória social, em diversas áreas profissionais, sobretudo os que mais se relacionavam com a corte, deixaram registados para a eternidade os seus títulos e as suas especialidades, como o referido caso de Irenakhti que era: médico do palácio real (*sunu per aa, swnw pr ʕ3*), que aparece cinco vezes, inspector dos médicos do palácio real (*sehedj sunu per aa, shd swnw pr ʕ3*), gastrenterologista do palácio real (*sunu khet per aa, swnw h3t pr ʕ3*) e oftalmologista do palácio real (*sunu irti per aa, swnw irty pr ʕ3*). Aparentemente só na proctologia é que era partilhado por outros doentes que não os reais (*neru phuit*,

¹⁷ SOUSA, 2001: 205-206.

¹⁸ ARAÚJO, 2001b: 550-551.

